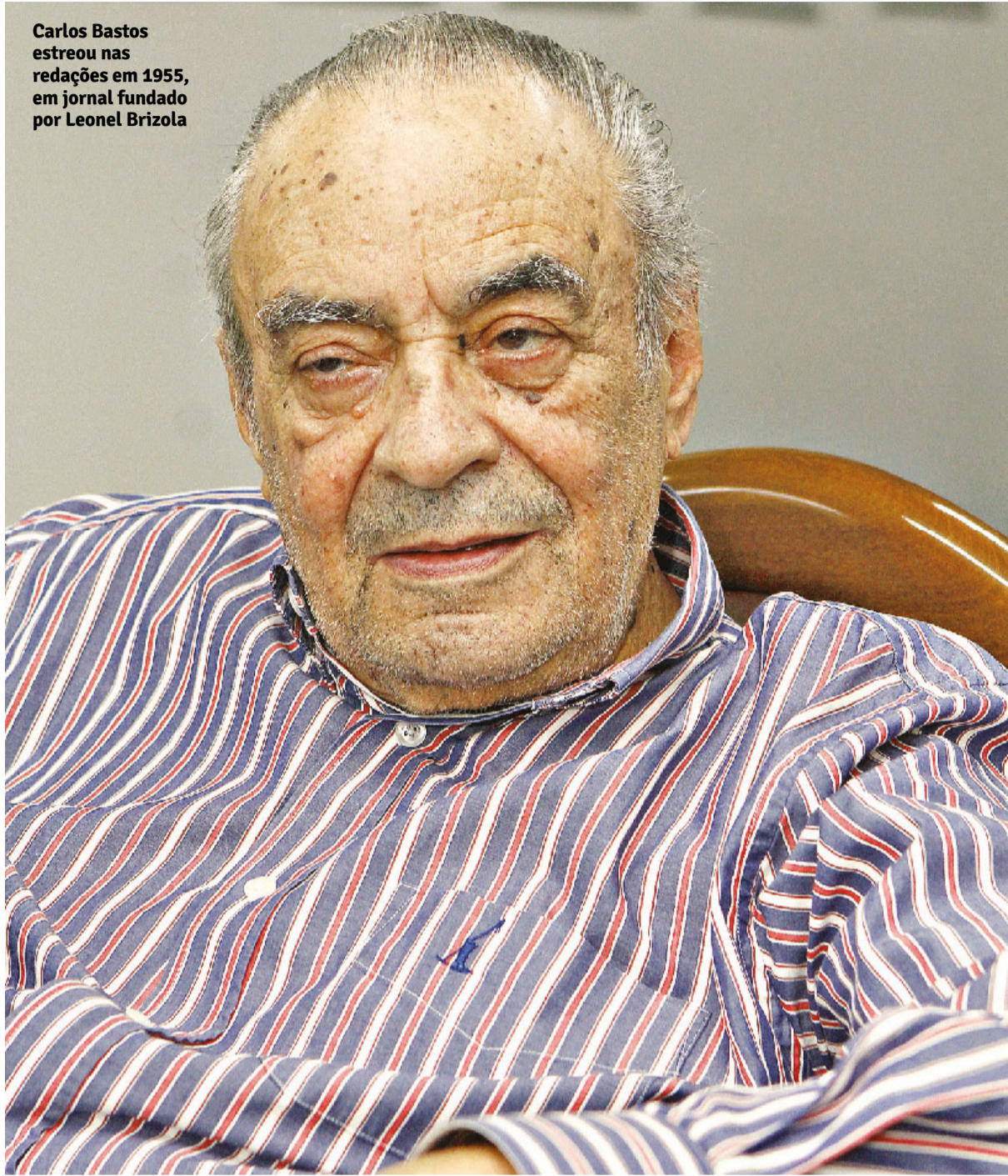


# reportagem cultural

MARCELO G. RIBEIRO/ARQUIVO/JC

Carlos Bastos estreou nas redações em 1955, em jornal fundado por Leonel Brizola



## O começo na conturbada década de 1950

Márcio Pinheiro, especial para o JC \*

A carreira jornalística iniciou em 1955, e Carlos Bastos não podia ter encontrado momento mais propício para essa estreia profissional. O Brasil vivia o ano em que Juscelino seria eleito presidente, e ainda sofria o período de crise política agravada pelo suicídio de Getúlio Vargas, no ano anterior.

Também em 1955 seria criado em Porto Alegre *O Clarim*, jornal que o então deputado federal Leonel Brizola lançou para dar sustentação à sua candidatura à prefeitura de Porto Alegre. “Eu comecei em *O Clarim*, levado pelo Hamilton Chaves”, lembra Bastos. “Um aspecto relevante na personalidade do Bastos é a lealdade. Ele sempre foi um grande e admirado amigo do meu pai”, ressalta o fo-

tógrafo Ricardo Chaves, o Kadão, filho de Hamilton.

Em *O Clarim*, Bastos fazia a cobertura do setor sindical na coluna intitulada *Porta de Fábrica*. Como o jornal já nasceu com prazo de validade, o projeto foi abandonado com a realização do pleito daquele ano. “Brizola ganhou a eleição em outubro e fechou o jornal em fevereiro. Ele fez o jornal apenas para ganhar a eleição.”

Bastos, então, encontrou abrigo em outro diário, *A Hora*, só que afastado da redação. “Minha primeira tarefa foi na área de circulação, o que me permitiu viajar bastante e conhecer grande parte do Rio Grande do Sul.”

O reencontro com a reportagem se daria em 1957, quando Bastos pôde voltar à redação atendendo a um convite do então

chefe de reportagem, José Silveira, e do secretário de redação, Lauro Schirmer. José Silveira, gaúcho de Santana do Livramento e um ano mais velho, é outro que Bastos aponta como sendo um de seus mestres. “Conheci o Silveira quando servimos o Exército e nunca perdemos o contato”, diz Bastos a respeito do amigo, que logo depois seguiria para o Rio e faria uma longa e exitosa carreira, em especial como secretário de redação do *Jornal do Brasil* e depois como chefe da sucursal da *Folha de S.Paulo*.

Mas poucos anos depois, tão logo a nova década se apresentasse, Carlos Bastos entraria numa nova fase. Ele seria testemunha e ativo participante do maior acontecimento político presenciado pelos repórteres de sua geração.

## Um militante pela Legal

Em agosto de 1961, com a renúncia de Jânio Quadros, o Brasil viveu uma de suas mais graves crises institucionais. Com a saída de Jânio era esperado que seu vice, João Goulart (eleito no mesmo pleito, porém por uma outra chapa), assumisse a presidência tão logo retornasse da China, onde liderava uma missão comercial. Porém a questão não era tão simples e, para combater o veto dos militares e fazer valer

a legitimidade de Jango, o governo do Rio Grande do Sul liderou a Campanha da Legalidade. “No dia da renúncia, eu era repórter da *Última Hora*”, explica Bastos. “Quando cheguei ao jornal, a redação estava um caos.”

Passando dias e noites entre o Palácio Piratini e o jornal, andando armado e dormindo pouquíssimo, Bastos viveu intensamente aqueles dias. “Ali, eu me tornei trabalhista”, confessa.

### Três histórias de Carlos Bastos

#### 1. Atrás da cortina

“Eu era próximo do deputado Guilherme do Valle. Era um parlamentar de Caxias do Sul, com quem eu tinha um ótimo relacionamento. Muitas vezes saíamos para beber depois do encerramento das sessões na Assembleia. Em uma dessas conversas, ele me contou algo impressionante. Foi em 1959, logo depois de o Wilson Vargas ter perdido a eleição de prefeito para o Loureiro da Silva. Por causa do resultado e da maneira como o Brizola, então governador, conduziu a campanha, a bancada de deputados estaduais ficou indignada e pediu uma reunião com Brizola. Era uma bancada imensa: 23 deputados num total de 55. Houve discussões acirradas, cobranças e o Brizola precisou se explicar. O Guilherme do Valle me contou tudo e eu fiz a reportagem para *A Hora* com a manchete: “Bancada quer reunião da franqueza”. O Sereno Chaise, que também era deputado e meu amigo, no dia seguinte, me disse: “Entraste numa fria. Quem te contou isso, inventou. Não aconteceu nada”. Eu respondi: “Sereno, a reunião não foi na sala da presidência?”. Ele me confirmou. “Sabe aquelas cortinas enormes que têm lá?” Ele disse: “Sei”. Aí eu respondi: “Eu estava atrás de uma daquelas cortinas”. Aí ele rebateu, rindo: “Como tu é mau caráter” (risos). E eu agradei: “Obrigado, agora você me confirmou a notícia” (risos).”

#### 2. Guru das pesquisas

“Em 1982 seriam realizadas as primeiras eleições para governador em quase 20 anos. Na época, eu era diretor de jornalismo na TV Gaúcha e fui ao Rio de Janeiro para participar de uma reunião na Globo. Cada chefia deveria dar uma prévia de como estava o quadro do seu estado. Pedi para a Alice-Maria, que comandava a reunião, para dar a minha opinião sobre o Rio Grande do Sul e também um palpite sobre o Rio. Era março e o Brizola estava com 4%. “Sandra Cavalcanti está com 50%. Não sei se o Brizola ganha, mas vai disputar no Fotochart”, falei, usando uma linguagem de turfe”. Brizola ganhou e Alice-Maria me disse: “Tu és o meu guru. Agora, vou te ligar em todas as eleições”.

#### 3. Duas misses

“Quando estava na TV Difusora, contratei a Ana Amélia (então repórter de economia, futura senadora pelo PP-RS) junto com a Ieda Maria Vargas (Miss Universo em 1963). Ana Amélia descobriu que ganhava menos e veio reclamar comigo. Eu me expliquei: ‘A Ieda foi Miss Universo e tu, Miss Lagoa Vermelha’.”



CLAUDIO FACHEL/ARQUIVO/JC

Carlos Bastos, em foto de 2007